

A contação de histórias e o fazer literário africano em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* de Mia Couto

Adriene Costa de Oliveira Coimbra*

Resumo – A trajetória das literaturas africanas, em especial a Literatura Moçambicana, está fundamentada na tradição, preservada pela contação de histórias. A oralidade torna-se um imperativo para esses povos, pois a palavra assume a força vital do universo, e, como tal, representa a síntese de sua permanente integração com a natureza. O homem africano é considerado um ser dotado de palavra, instrumento de saber. Este estudo se propõe a refletir e analisar o papel que a contação de histórias desempenha no fazer literário africano, como recurso de manutenção dos costumes daquela cultura. Tomou-se como princípio de análise a obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, do escritor moçambicano Mia Couto, como forma de representação simbólica que a contação de histórias realiza nessa cultura.

Palavras-chave: contação de histórias, tradição, cultura e literatura africanas.

Quando já não havia outra tinta no mundo o poeta usou do seu próprio sangue. Não dispondo de papel, ele escreveu no próprio corpo. Assim, nasceu a voz, o rio em si mesmo ancorado. Como o sangue: sem foz nem nascente.
(MLA COUTO)

Muito se tem debatido sobre a importância e o papel da oralidade e da escrita na construção social. Vários questionamentos têm sido feitos a partir da ação dos indivíduos dentro de um grupo, relacionada ao tipo de linguagem utilizada por eles como modo de interação social. Algumas dessas indagações prevalecem ainda hoje, já que, mesmo no mundo atual, temos encontrado formas mais primitivas de

comunicação. Pergunta-se então: seria possível a existência da oralidade sem a escrita? A oralidade faz parte apenas de uma sociedade letrada? A escrita é a única simbologia empregada pelas civilizações? Haverá outras formas de expressão, como gestos, desenhos, roupas, monumentos, que servem para traçar a conduta social? A cultura africana talvez servisse de aporte para possíveis respostas a estas perguntas.

O homem, nas sociedades primitivas africanas, assume a força vital do universo, e, como tal, representa a síntese de sua permanente integração com a natureza. Ele é um ser dotado de palavra, instrumento de saber. É pela palavra que o homem africano se vê vivificado; é pela palavra que se percebem as vibrações dessa força vital, entendida, por eles, como divina. Hampaté-Bâ (1993), em seu texto “Palavra Africana”, afirma que “tudo fala. Tudo é palavra. Tudo busca nos transmitir um estado de ser misteriosamente enriquecedor.” Esse princípio norteia a cultura africana, e, como tal, aponta os referenciais da tradição, caracteres tão presentes e marcantes nessa cultura.

A cultura africana tem por fundamento a tradição oral, transmitida de geração a geração através das histórias narradas pelos *griots*¹. Esses *griots*, frequentemente os mais velhos das tribos, são considerados os guardiões da memória, portanto admirados e respeitados por todos. Estes passam aos mais jovens a tradição e os conhecimentos dos ancestrais, com a missão de transmiti-los às gerações vindouras.

Calcada nessas manifestações orais, cujos mitos são a representação dos recursos da comunicação, tais como a dança, os rituais, os provérbios, entre outros, a cultura africana tem se tornado conhecida, perpetuando-se graças a estes performáticos “contadores de histórias”. Há de se ressaltar aqui que esse modo de transmissão oral hoje se percebe muito mais no campo devido à aculturação das cidades.

Os traços marcantes dessa oralidade são uma evidência na África, configurando, assim, uma cultura denominada acústica. Nessa cultura, a palavra existe apenas no som, cujo fenômeno penetra profundamente no sentimento de existência dos seres humanos, na qualidade de palavra falada, palavra empenhada, palavra vivenciada, palavra que afeta o sentido humano e a vida psíquica do homem.

Ela origina-se da voz e irrompe o interior do outro, através do ouvido. Uma voz que não quer calar tenta, a todo custo, fazer-se ouvir.

O discurso oral, de forma geral, tem na redundância uma de suas marcas singulares. Este traço deve-se à necessidade de reforçar a informação contida numa mensagem que se desenvolve a partir da intenção primeira das culturas africanas: conservar na memória dos mais jovens aquilo que foi vivido e experienciado pelos seus ancestrais.

Para que esse fenômeno ocorra com eficácia, a cultura africana recorre aos diferentes ritmos, à repetição e à redundância, aos provérbios e aos ditos populares, aos rituais; enfim, a tudo o que a vincula ao simbolismo da Palavra Criadora, que se desdobra no tempo e no espaço. Todos esses recursos engendrados estabelecem uma relação entre discurso e ação.

De acordo com Miguel Lopes (2003), a cultura está estritamente relacionada à memória. É através da memória que é possível o processamento, o armazenamento e a transmissão das informações. E é na repetição que esse processo se realiza. É pela repetição das histórias narradas que reside a eficácia da retenção e da conservação dos princípios fundamentais da organização social e o prolongamento dessa cultura. Daí o papel do *griot*, responsável, socialmente, em manter viva a chama da memória no imaginário coletivo, e tido entre seus pares como mestre na arte da palavra.

Assim sendo, podemos assegurar que o ato de narrar é um ato predominante na cultura oral africana. A narração de histórias torna possível manter o elo entre os velhos e os novos, pois estes se posicionam para ouvir o que os primeiros lhes têm a contar. Além disso, ela possibilita a continuidade dessas tradições, parte precípua do cotidiano na vida dos africanos.

O encanto africano do contar histórias está na sua vivacidade, isto é, os fatos narrados são vivenciados pelos ouvintes, que são as próprias testemunhas. Especificamente, o folclore africano tem um papel primordial nessas histórias, pois possui um valor filosófico no estágio coletivo da sociedade humana. Ele representa uma aspiração a um estado de coisas em que o indivíduo ocupe o seu verdadeiro lugar.

O contar histórias torna-se evidente na obra de Mía Couto. Biólogo, jornalista e escritor moçambicano, autor de diversas obras, tais como *Terra Sonâmbula*; *Vinte e Zinco*; *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, entre outras, Mía Couto busca na cultura de seu país, reino da palavra oral e da sabedoria tradicional africana, fundamentos e material para as suas histórias. Quase tímido, introvertido, calmo com as palavras; no entanto, suas personagens se destacam pela forma contundente, sem floreios, de uma objetividade ímpar, que surpreende a nós leitores.

Tanto na poesia, na crônica e na ficção, esse autor moçambicano, afirma que sonhar é cultivar a esperança em meio à morte que ronda o país. É manter acesas as tradições, impedindo que “matem o antigamente”, impedindo que os mais jovens experimentem o sabor da vivência dos antigos.

Mía Couto é hoje o escritor africano de língua portuguesa em que a reinvenção lingüística atinge uma extraordinária artesanaria sempre aliada a uma reflexão histórica, político-social e ideológica. Para ele, a língua portuguesa, seu idioma natal, não é um mero instrumento de escrita, de trabalho artístico. A língua portuguesa, na visão do escritor, pode expressar o papel e o lugar dos sentimentos de um povo ex-colonizado, revelando uma nova realidade cultural e social. Nesse sentido, em seu trabalho com a linguagem, podemos constatar uma inventividade singular; criando formas de expressão e adaptando a gramática a diferentes sentimentos, estruturas mentais e consciência social.

Carmem Lucia Tindó Ribeiro Secco, em seu ensaio “Mía Couto e a ‘Incurável Doença de Sonhar’”, afirma:

Os sonhos são um dos eixos que atravessam a obra de Mía Couto. Por intermédio deles, o narrador e as personagens espiam tanto para as profundezas do inconsciente coletivo de Moçambique, como para a interioridade da alma humana, despertando sensibilidades e emoções adormecidas, (...) (SECCO, 1997, p.272)

Nota-se pelo trecho acima que a contação de histórias, especificamente a de

Mia Couto, nos remete à fantasia, à magia, a um jogo lúdico, transcendente, aberto, móvel, multifacetado, fugidio, em processo de contínua mudança. Ela abre caminhos para a imaginação e cria espaços para que cada membro da sociedade, a partir do que é contado, crie a sua própria história.

Meu pai sacudiu a cabeça e exclamou: *meu filho, o que lhe está entrando no sonho! O homem que vive em espanto deixa portas abertas no sonho. Por aquela brecha me entram idéias de bicho, vozes de mortos. Até essa tonta, a descabeçada de Nyembeti, ganbara licença dentro de minha alma.* (COUTO, 2003, p.206)

Pode-se constatar a maestria e a singularidade do ato de narrar desse exímio escritor moçambicano, principalmente em sua obra *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. Nela temos a confirmação dos princípios fundamentais da cultura africana, ou seja, a conservação das tradições ditadas pelos mais velhos.

A narrativa começa pela viagem de Marianinho a Luar-do-Chão e pela citação de um provérbio africano: “A morte é como o umbigo: o quanto nela existe é uma cicatriz, a lembrança de uma anterior existência”. Tanto o vocábulo “*viagem*” como o uso do provérbio tem uma explicação plausível. Se pensarmos na simbologia que os ditos populares representam nos costumes e nas tradições africanas, podemos deduzir que “*viagem*” é uma metáfora utilizada para “vida”. Esta é comparada ao percurso que traçamos, o caminho que percorremos em busca da nossa identidade, à busca da nossa verdadeira casa; das explicações que estão em algum lugar, nos pais, na infância, nos ancestrais ou na boca dos anciãos, através das histórias narradas.

Nesse romance, tio Abstinêncio, por ser o mais velho, é que se encarrega de dar a notícia da morte de Dito Mariano a Marianinho.

Abstinêncio é o mais velho dos tios. Daí a incumbência: ele é que tem que anunciar a morte de seu pai, Dito Mariano. Foi isso que fez ao invadir o meu quarto de estudante na residência universitária. Sua aparição me alertou: há anos que nada fazia

Tio Abstinência sair de casa. Que fazia ali, após anos de reclusão? Suas palavras foram mais magras que ele, a estrita e não necessária notícia: o Avô estava morrendo. Eu que viesse, era pedido exarado do velho Mariano. Abstinência me instruiu: rápido, fizesse a mala e embarcássemos no próximo barco para a nossa Ilha. (COUTO, 2003, p.15-16)

Tal como um *griot*, o autor, pela voz do narrador Marianinho, vai nos relatando as histórias e as tradições do clã dos Marianos. Ao mesmo tempo, vai nos inserindo no universo da magia, do sonho, da imaginação e da fantasia, dando-nos a oportunidade de pensar em nossa própria história.

Podemos perceber no contar de Mia Couto, a importância, na cultura africana, do vivenciar e do transmitir as tradições às gerações futuras, a importância em conservar na memória dos mais jovens aquilo que já foi experimentado pelos anciãos.

(...) - Tem que ser você, Marianinho, a mestrar a cerimônia.

(...) - É aqui onde escondo as chaves todas da Nyumba-Kaya. Você vai guardar estas chaves, Mariano.

(...) - Tome. E guarde bem escondido. Guarde esta casa, meu neto!

(...) - Você é quem o meu Mariano escolheu. Para me defender, para defender as mulheres, para defender a Nyumba-Kaya. É por isso que lhe entrego a si essas chaves. (COUTO, 2003, p. 33-34.)

(...) Tomar conta da viúva era uma missão que a si mesmo Dito Mariano se atribuía, à maneira da tradição de Luar-do-Chão. Mas isso nunca aconteceu. A Avó se opusera, das unhas aos dentes. Transferiram-na, sim, para um pequeno casebre, de uma só divisão. Ali se deixou ficar, em desleixo de si mesma. (COUTO, 2003, p.131)

Nota-se nesses trechos a responsabilidade que a avó de Marianinho delega ao neto. Só ele será capaz de resguardar não só as tradições, mas também terá o importante papel de guardião e defensor das mulheres.

A narrativa é contada a partir do olhar de Marianinho, personagem-protagonista e narrador, quando, por ocasião da morte de Dito Mariano, é chamado a assumir o posto do “avô-pai”. Essa função acarretou-lhe outras: é impelido a zelar, a preservar e a reconstruir as tradições de sua família; e, como “eleito”, é intimado a presidir os rituais funerários do avô, Dito Mariano.

Percebemos que, ao ser delegada a Marianinho a responsabilidade em dar continuidade às tradições da família, este também se encarregará do papel do *griot*, o contador de histórias. Durante uma conversa, o tio lhe faz uma advertência:

(...) Abstinência me faz parar, mão posta sobre o meu peito:
- Agora que estamos a chegar, você prometa ter cuidado.
- Cuidado? Por que, Tio?
- Não esqueça: você recebeu o nome do velho Mariano. Não esqueça.
O Tio se minguou no esclarecimento. Já não era ele que falava. Uma voz infinita se esfumava em meus ouvidos: não apenas eu continuava a vida do falecido. Eu era a vida dele. (COUTO, 2003, p.22)

Ao longo da narrativa, o narrador vai confirmando o papel cultural de *griot* que Marianinho assume naquela sociedade. Além disso, terá que assumir a identidade do Avô, como também a missão de preservar as tradições legadas por ele.

A princípio, o neto não sente seguro e preparado para tais funções, pois morara fora da cidade-natal, vivenciara hábitos diferentes, experimentara outros saberes; e agora se vê como um estrangeiro naquela terra, junto àquele povo. Porém, por ser “o escolhido”, é chamado a Luar-do-Chão para que pudesse assumir a sua ancestralidade e o cargo que herdara por ser o mais velho e o mais sábio dos netos.

À medida que vivemos, vamos dando-nos conta do que é o viver e o próprio romance nos remete ao percurso da vida. Aos poucos, o narrador vai expondo-nos os fatos, aguçando a nossa curiosidade e também, aos poucos, vamos perscrutando

os mistérios que nos são postos desde o início da narrativa. Tal como Marianinho, vamos tomando pé das coisas de Luar-do-Chão, de seus costumes, de suas tradições; inteirando-nos da vida do lugar e de seus habitantes. Como na contação de histórias, o narrador, paulatinamente, vai revelando-nos algumas pistas, dando-nos “chaves” para que, como Marianinho, possamos conhecer a tradição africana, na tentativa de descobrir ou desvendar possíveis mistérios.

O neto mantém uma relação intrínseca com o avô, a razão de sua escolha. A sua verdadeira mãe lhe chega através das histórias que lhe são contadas; assim também o conhecimento de quem é o seu verdadeiro pai. Marianinho percebe que, tecendo e retecendo as histórias, pode construir a sua, e, assim, vai se identificando como sujeito da narrativa e do narrado. Torna-se, portanto, narratário e narrador, ou seja, ao mesmo em tempo que ele conta a história, ele é contado.

(...) Sabe, Marianito? Quando você nasceu eu lhe chamei de “água”. Mesmo antes de ter nome de gente, essa foi a primeira palavra que lhe dei: madzi. E agora lhe chamo outra vez de “água”. Sim, você é a água que me prossegue, onda sucedida em onda, na corrente do viver.

Já passou o meu momento. Você está aqui, a casa está sossegada, a família está aprontada. Já me despedi de mim, nem eu me preciso. Vai ver que, agora, se vão desamarrar as águas, lá no alto das nuvens. Vai ver mais como a terra se voltará a abrir, oferecida como um ventre onde tudo nasce. Já sou um falecido inteiro, sem peso de mentira, sem culpa de falsidade.

Me faça um favor: meta no meu túmulo as cartas que escrevi, deposite-as sobre o meu corpo. Faz conta me ocuparei em ler nessa minha nova casa. Vou ler a si, não a mim. Afinal, tudo o que escrevi foi por segunda mão. A sua mão, a sua letra, me deu voz. Não foi senão você que redigiu estes manuscritos. E não fui eu que dei vozinho. Foi a voz da terra, o sotaque do rio. O quanto lembrei veio de antes de ter nascido. (COUTO, 2003, p.238).

Percebe-se, no trecho acima, que o neto, ao nascer, já tinha uma missão a cumprir: a de ser a voz que não ia se calar, aquela que continuaria correndo, como

um rio, pelas vias da memória e das lembranças, por toda Luar-do-Chão.

Fábio Leite, em seu texto “Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas” (1995/96), aponta para o princípio de imortalidade inerente a essas sociedades. Esse princípio, para o teórico, revigora-se através dos recém-nascidos da mesma família ou insere-se na massa dos antepassados. Dito Mariano, ao insistir em permanecer vivo, coloca em prática esse costume da cultura africana. O avô delega ao filho mais velho, Abstinência, o comando da cerimônia, mas elege o neto para realizá-lo. O leitor, de início, não assimila essa escolha; no entanto, aos poucos, vai decifrando, como na contação de histórias, o porquê dessa escolha e os segredos que envolvem a família dos Marianos.

Miserinha, por sua vez considerada a personagem misteriosa da obra, encontra-se com Marianinho no barco que o levava a Luar-do-Chão. O neto percebe que algo de estranho paira sobre aquela mulher. Contudo, de início, não consegue detectar que segredos ela guarda.

Sinto, então, um puxão no ombro. É Miserinha. A própria, cabeça descoberta, cabelo branqueado às mostras. Se junta a mim, rosto no rosto, num segredo:

- *Não se aflija, o lenço não tombou. Eu é que lancei nas águas.*

- *Atirou o lenço fora? E por quê?*

- *Por sua causa, meu filho. Para lhe dar sortes.*

- *Por minha causa? Mas esse lenço era tão lindo! E, agora, assim desperdiçado no rio...*

- *E depois? Há lugar melhor para deitar belezas?* (COUTO, 2003, p. 21).

O que se nota é que Miserinha parece trazer consigo algo misterioso e que deve ser revelado. No entanto, haverá o momento mais propício para fazê-lo.

A comunicação entre avô e neto ocorre através de cartas, cartas anônimas em que o avô vai fazendo revelações ao neto. Marianinho as lê, interpreta o seu conteúdo e, no silêncio, os mistérios de Luar-do-Chão vão vindo à tona. Quando

ele recebe a última carta, o avô declara:

(...) Você é meu filho. Meu maior filho pois nasceu de um amor sem medida. Por isso, não o escolbi para cerimoniar a minha passagem para a outra margem. Você se escolheu sozinho, a vida escreveu no seu nome o meu próprio nome.

Nestes manuscritos me fui limpando de mim. Esses que me velaram sofriram de um engano: aquele, em cima do lençol, se parecia comigo. Mas não era eu. O morto era outro, em outro fim de vida. Eu apenas estou usando a morte para viver. Você, meu filho, você disse o certo: a morte é a cicatriz de uma ferida nunca havida, a lembrança de uma nossa já apagada existência. (COUTO, 2003, p. 260)

O avô constrói um mundo em que as lembranças e as reminiscências do passado atravessam a sua memória. Ao mesmo tempo, a contação dessas histórias vai-lhe apontando as contradições das afirmações a que o neto até então acreditava: a morte da mãe, o seu verdadeiro pai, quem era Miserinha, Tia Admirança, a avó Dulcineusa; enfim, as imagens do passado vão se construindo sob o olhar do neto. Os segredos familiares, que mantidos sob véus vão adquirindo formas, vão se tornando evidentes pela boca do ancião, o *griot* daquela comunidade.

Ao ler Mia Couto, temos a impressão de que seu texto diz muito mais do que aparentemente se pode perceber; ou, então, que seu texto não está apontando exatamente o que parece óbvio ao leitor. Seu texto sugere, a cada leitura, um entrecruzamento de fatos, uma (re)construção, através da linguagem, da história de seu país, da pluralidade do povo moçambicano e de sua multifacetada cultura. Couto nos provoca, instiga-nos a todo instante no sentido de explorar, juntamente com o narrador, o universo cultural africano. E, pela oralidade de suas histórias vai conduzindo o leitor, de forma particular e prazerosa, à adesão de seu convite a ser testemunha do narrado.

Marianinho, eleito guardião desses segredos, deverá prosseguir a sua trajetória mantendo-se em silêncio, guardando para si os enigmas da família dos Marianos.

No momento adequado, ele tomará as decisões propícias no sentido de ele exercer realmente o seu papel de *griot*.

Antes que o protagonista fosse capaz de realizar as atribuições a ele destinadas, deveria passar por um ritual iniciático, o que o levaria à vida adulta. Nyembeti, irmã do coveiro, encarregar-se-á dessa iniciação, para que Marianinho como autêntico continuador da tradição pudesse usar a palavra de seu avô como força vital em sua comunidade. Após esse ritual, ele já estará pronto para tornar-se um verdadeiro Mariano. Um *griot* natural, capaz de assumir o real significado do contador de histórias na cultura africana.

E o autor, por sua vez, ao produzir o texto em aberto fornece ao leitor várias chaves de leitura, dando-lhe a oportunidade de inferir no texto. Ele também não esconde a sua especial intenção ao narrar esses fatos: a de ser um autêntico *griot*, um performático contador de histórias. Dessa feita, realiza-se nessa representação o fazer literário africano.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. **Questões de literatura e de estética**. A teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et. al. São Paulo: Hucitec; Ed. UNESP, 1990.
- _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- COUTO, Mía. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- HAMPÂTÉ BÂ. Amadou. **Palavra Africana**. Nova York: Correio da UNESCO, ano 21, nº. 11, Nov. 1993.
- LEÃO, Ângela Vaz. **Contatos e Ressonâncias: literaturas africanas de língua portuguesa**. Belo

Horizonte: PUCMinas, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades e escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Colibri, 1998.

LEITE, Fábio. **Valores Civilizatórios em Sociedades Negro-africanas**. In: Revista do Centro de Estudos Africanos. São Paulo: USP, p.18-19 (1): p.103-108, 1995/1996.

LOPES, Miguel. **História e memória no cotidiano africano**. Porto: Paisagem. 2003.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MOREIRA, Terezinha Taborda. **O vão da voz**. A metamorfose do narrador na ficção moçambicana. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2000. (Tese de doutorado)

NEEDELMAN, Jacob. **O pequeno livro do tempo**. Lisboa: Bizâncio, 1999.

NIANE, Djibril Tansir. **Sundjata ou a Epopéia Mandinga**. Trad. Oswaldo Brito. São Paulo: Editora Ática (Autores Africanos), 1999.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo & SALGADO, Maria Teresa (org.). **África & Brasil: letras e laços**. Rio de Janeiro: Editora Atlântica, 2000.

TINDÓ SECCO, Carmem Lucia. **A Magia das Letras Africanas**. Rio de Janeiro: ABE Graph Editora/Barroso Produções Editoriais. 2003.

_____. Mía Couto e a “Incurável Doença de Sonhar”. **Revista SCRIPTA**. Belo Horizonte: PUCMinas, 1997.

* **Adriene Costa de Oliveira Coimbra**, *Mestra em Teoria da Literatura pela PUCMinas, Professora no UNLARAXÁ,*

Endereço eletrônico: adriene@uai.com.br

Abstract – The course of African Literatures, mainly the Mozambican Literature, is founded in tradition, preserved by telling stories. The orality becomes one of the imperative for these citizens, so that the word is considered the vital force of universe, and, as that, represents a synthesis of his constant integration with nature. The African man has this word as a fundamental instrument of knowledge. This piece of work proposes to think and to analyse the function of this telling stories and how it accomplishes in composing African Literature, as the source of conservation of customs in that culture. This study took as the basis of analysis the book **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**, written by Mía Couto, a Mozambican author, as a mean of representing the importance of orality in this culture as well as the formation of this African literature.

Key-words: telling stories, tradition, african culture and literature.
